

ACM, o único invicto dos últimos cinco anos.

JORNAL DA TARDE

15 MAR 1990

Apenas um ministro civil atravessou o governo José Sarney do primeiro ao último dia, e no mesmo ministério: Antônio Carlos Magalhães, das Comunicações, que conseguiu até mesmo o malabarismo político de conciliar a velha amizade de Sarney com o apoio ostensivo ao então candidato Fernando Collor. Sarney e Collor passaram a eleição inteira trocando desaforos publicamente, mas entre eles sempre existiu o elo Antônio Carlos.

“Votei no Collor no primeiro e no segundo turnos”, confirmou Antônio Carlos ontem, no seu derradeiro dia de expediente no mesmo sétimo andar do Ministério das Comunicações que ocupou durante cinco anos, desde 15 de março de 1985 — que seria o dia da posse de Tancredo Neves e reverteu para o da posse de José Sarney. “E vencemos na Bahia, o que é mais importante”, acrescenta o ministro, ainda indeciso quanto ao futuro político: pode até concorrer ao governo do seu Estado em 3 de outubro, “por pressão das bases”, mas gostaria mesmo de voltar a Brasília, no ano que vem, com um mandato parlamentar. Como deputado ou senador, ele quer ser logo fundamental à articulação da base definitiva de apoio ao governo no Congresso Nacional.

Único representante do PDS nomeado para o que seria o Governo Tancredo, Antônio Carlos foi beneficiado com a essência de Sarney e conseguiu sobreviver, olímpicamente, a sucessivas intempéries: cinco reformas ministeriais, três planos econômicos, incontáveis embates com o PMDB e, em 26 de fevereiro do ano passado, até a um enfarte. Aos 62 anos, tido e havido como um político competente, mas impiedoso com os adversários. ACM garante que sai do governo sem derrotas.

Antônio Carlos brigou cuidadosamente com seus colegas Mailson da Nóbrega, da Fazenda, e Roberto Cardoso Alves, do Desenvolvimento Industrial. Com Mailson, por conta de aumentos salariais para os funcionários dos Correios. Com Robertão, porque este tentou demitir da Petrobrás um velho aliado do ex-presidente Ernesto Geisel, Paulo Belotti. Mas a



Magalhães: sobrevivente de cinco reformas ministeriais.

melhor briga de ACM nestes cinco anos foi mesmo contra a CPI da Corrupção.

“Parece que a CPI foi arquivada, não é mesmo?” — diverte-se Antônio Carlos no seu melhor estilo sarcástico. “Eu matei aquela safada.” Ele apoiou Collor desde junho do ano passado e agora tem de engolir a indicação dos senadores José Ignácio (PSDB-ES), para a liderança do governo no Senado, e Carlos Chiarelli (PFL-ES), para o Ministério da Educação. José Ignácio foi presidente e Chiarelli, relator da CPI da Corrupção.

Será que Antônio Carlos espera algum tipo de retaliação contra a Bahia? “Não é que eu não espere. Eu tenho certeza de que não haverá”, descarta, incisivo, o mesmo Antônio Carlos Magalhães que coleciona, entre suas vitórias, a aprovação do mandato de cinco anos para o presidente José Sarney. Prefere, no entanto, citar outras vitórias, as técnicas: a duplicação das linhas de telefones e “a melhor fase dos Correios em toda sua história”.

Eliane Cantanhede/AE